
Apresentação

Para depois de Eva: autoria, personagem, enunciação

Doi

<http://doi.org/10.37508/rcl.2022.n48a517>

É com imensa satisfação que apresentamos “Para depois de Eva: autoria, personagem, enunciação”, número da *Revista Convergência Lusíada* dedicado ao estudo das representações do feminino na literatura luso-brasileira.

Vale a pena destacar que, nesta seleção de artigos, conseguimos reunir aspectos instigantes do tema motivador, tornando visível o discurso crítico de diferentes pesquisadores brasileiros e portugueses. Temos certeza de que este número proporcionará ao leitor percorrer a história das literaturas em língua portuguesa sob diferentes pontos de vista, considerando a produção poética e narrativa de autoria feminina. Com essa perspectiva, são discutidas as relações do feminino com a censura, a validação da escrita feminina como discurso de transgressão, as formas de representação que nortearam o olhar masculino sobre o universo da mulher, bem como a problematização dos corpos femininos, inclusos num sistema de valores que os percebia como mercadoria de mais valia.

Este número, portanto, ambicionou abarcar várias possibilidades de pensamento teórico-crítica a fim de refletir não só sobre a autoria

feminina e a representação da mulher; mas também sobre a existência de uma dicção que pudesse ou não ser *assinada* exclusivamente por mãos femininas. Com o fortalecimento e desenvolvimento dos estudos de gênero, as reflexões sobre a representação da mulher e sobre a autoria em feminino ganharam a boca de cena e, hoje, são temas de investigação de parte importante da crítica literária. No entanto, se as representações do feminino ficaram – até meados dos oitocentos – majoritariamente restritas à configuração da mulher enquanto personagem romanesca, ou ainda como preferido “destinatário” do discurso poético escrito por mãos masculinas, a contemporaneidade vem conseguindo não só resgatar a questão da autoria feminina presente desde o século XIX, como também, cada vez mais, possibilitar criticamente a visibilidade do trabalho de escrita de romancistas e poetisas mulheres, as quais conquistam mais fortemente espaço naquele que, até muito pouco tempo atrás, era campo dominado pela presença masculina.

Ao desejarmos ir além do estudo de gênero, o que aqui se concretizou foi uma visão ampliada capaz de percorrer a literatura escrita *em feminino* ainda no século XIX, de perpassar a produção do século XX e de chegar até o século XXI numa quase comprovação que, sem a autoria, sem as personagens e sem a efabulação em feminino, as literaturas em língua portuguesa teriam perdido parte importante e robusta de seus acervos. Na verdade, a organização deste número deu-nos a certeza de que se o mundo foi temporalmente um lugar de ratificação do poder masculino, a literatura (e as artes em geral) é o espaço onde o feminino encontrou abrigo e permaneceu como memória cultural que a todos dignifica. Autoras, personagens ou narradoras foram e são a *base estética* em que uma *outra história* para o feminino foi inscrita, capaz de pôr em xeque uma realidade falocêntrica que muitas vezes se firmou (e se firma) como uma ameaça à integridade da mulher.

Com esse horizonte, o primeiro estudo muito detalhado e esclarecedor, assinado por Vanda Anastácio, professora da Universidade de Lisboa e colaboradora em diferentes Centros de Pesquisa em Portugal e outros países europeus, também no Brasil, discute a existência de escritoras anteriores a 1800, questionando em relação ao cânone literário “as razões desta ausência” para “propor metodologias possíveis para ultrapassar esta invisibilidade”. O segundo estudo, por Mônica Ganhão, apresenta ao leitor Guiomar Torrezão (1844-1898), “uma das primeiras escritoras portuguesas a fazer da carreira jornalística e literária o seu ganha-pão.” Ao explicar a trajetória e a produção dessa escritora, a articulista questiona o impacto das ações de Guiomar Torrezão entre as mulheres do tempo desta. A seguir, Leonel Isac Maduro Velloso analisa a narrativa “Retrato de Mónica” — *Contos exemplares* —, de Sophia de Mello Breyner Andresen, em articulação com a produção literária e não literária (entrevista e ensaio) da poeta portuguesa, para discutir a(s) representação(ões) do(s) feminino(s).

Os próximos articulistas, Eliziane Cristina Oliveira de Ataliba Silva e Mauro Dunder, em coautoria, analisam aspectos das poéticas de Maria Teresa Horta e Hilda Hilst, valorizando a ideia de subversão a partir de uma abordagem teórico-analítica que privilegia a crítica feminista. O artigo seguinte – de Jorge Vicente Valentim – analisa o romance *Falsos preconceitos* (1964/1969), “da escritora portuguesa radicada na França Nita Clímaco.” Sua pequena obra produzida na década de 60 sofreu com a censura dominante, ao tratar ousadamente de temas tabus para a sociedade portuguesa daquele momento. Ao revisitar essa escritora, o autor contribui para afastar o véu de silêncio sobre sua escrita e para articular a discussão de questões ainda a serem enfrentadas em nosso presente. O artigo de Ariane de Andrade da Silva trata da obra *A noite das mulheres cantoras* (2011), da escritora portuguesa Lídia Jorge, e pretende com sua análise “refletir sobre os pactos de silêncio e as violências simbólicas presen-

tes na narrativa, assim como seus impactos no desenvolvimento das personagens femininas”, além de pensar figurações da memória pessoal e coletiva.

Em continuidade, Ângela Beatriz de Carvalho Faria estuda a obra *O silêncio*, de Teolinda Gersão, na qual “a inexistência do amor entre um homem e uma mulher resulta da separação das consciências, do cruzamento de dois mundos que não se tocam e da impossibilidade da fala.” Trabalhando com as representações contemporâneas da subjetividade, o artigo analisa o “deslocamento do feminino’, tão bem teorizado por Maria Rita Kehl, ao assumir o seu próprio devir histórico emancipatório baseado no conhecimento de si própria.” Já Marcelo Branquinho Massucatto Resende direciona seu olhar crítico para outra direção na observação do “*male gaze* (MULVEY, 1989), ou seja, o olhar masculino enquanto única possibilidade de desejo ativo, manifestado em duas narrativas portuguesas publicadas na década de 1990: a novela *Português, guapo y matador* (1997), de Manuel Jorge Marmelo, e o romance *Azul-turquesa* (1998), de Jacinto Lucas Pires.”

Na parte final do dossiê, Claudia Amorim, por sua vez, propõe a análise do mais recente livro da poeta e ensaísta Ana Marques Gastão, *A mulher sem pálpebras* (2021), sua primeira narrativa. A análise realizada focaliza o percurso da personagem central, Libbie, “como aquela que vive a experiência da queda, que é a do conhecimento, que a torna uma nova Eva.” O artigo, em seus três momentos, destaca o caráter poético-narrativo dessa obra, a construção da personagem feminina e a experiência do olhar como conhecimento radical. Paulo Alberto da Silva Sales, no seguimento de estudos que vem apresentando e publicando sobre Adília Lopes, propõe uma relação interessante entre “a escrita poético-ficcional de Adília com o projeto romanescos *Vita Nova*, de Roland Barthes.” Para isso, destaca os biografemas como elementos muito significativos nas últimas obras dessa poeta portuguesa contemporânea, figurando “uma poeta-

-criança, que está a brincar-jogar com a linguagem poética por meio de associações a discursos de fundos autobiográfico e intertextual.”

O número encerra com uma resenha sobre os dois volumes de *Ao raiar da aurora*: antologia de narrativas breves de escritoras portuguesas oitocentistas, organizados por Eduardo da Cruz e Andreia de Castro, professores da UERJ e membros integrantes do Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras. O resenhista Alvaro Santos Simões Junior valoriza a importância do trabalho realizado pelos organizadores ao evidenciarem a produção de “escritoras portuguesas oitocentistas que por razões diversas são pouco conhecidas ou mesmo completamente ignoradas pelo grande público. São 26 autoras (11 no primeiro volume, 15 no segundo), muitas delas polígrafas. Cultivaram a poesia, o romance, o teatro, a crônica e a crítica literária, entre outros gêneros, mas a antologia privilegiou, como presuntiva forma de obter uniformidade interna, ‘narrativas breves’, algumas de duas páginas, outras de poucas dezenas.”

Gostaríamos que este número fosse também entendido como um mosaico de discursos de resistência a uma forma de estar em vida que, passado vinte e um séculos, ainda acredita em uma humanidade fracionada por valores qualitativos que separam, segregam e reduzem a partir de divisões ráticas, econômicas, culturais, religiosas e de gênero. Seguindo os versos de Adélia Prado, este número vem para provar que “Mulher é desdobrável” e alguma destas dobras estão aqui *femininamente* representadas. Desejamos a todos uma boa leitura!

Monica Figueiredo

Universidade Federal do Rio de Janeiro - PPGLV/CNPq

Ida Alves

Universidade Federal Fluminense/PPLB/CNPq